

PESQUISA COM PERIÓDICOS: DIFICULDADES DE PESQUISA E CRIAÇÃO DE SÉRIES ATRAVÉS DA METODOLOGIA DE BASCHET

RESEARCH WITH PERIODICALS: DIFFICULTIES OF RESEARCH AND CREATION OF SERIES THROUGH THE JÉRÔME BASCHET METHODOLOGY

Henrique Perin¹

RESUMO

A necessidade de determinar séries de crônicas, contos, reportagens e as mais variadas fontes impressas, normalmente apresentam um rol de dificuldades para o pesquisador. Aplicando a metodologia de serialização de imagens de Jérôme Baschet e transportando-a para outro suporte que não imagético, este artigo pretende contribuir com o desenvolvimento de um procedimento específico para estudos que utilizem fontes escritas e que necessitem de serializações. Para tanto, além de Jérôme Baschet, será discutido brevemente o conceito de crônica jornalística e aplicada a metodologia em uma seleção de crônicas assinadas por Roque Callage no jornal Diário de Notícias, de Porto Alegre, entre o período de 1925 e 1930.

Palavras-chave: Jérôme Baschet. Crônicas. Roque Callage.

ABSTRACT

The need to determine series of chronicles, short stories, news and the most varied press sources, usually present a list of difficulties for the researcher. Applying Jérôme Baschet's image serialization methodology and transporting it to an other support than imagetic, this article aims to contribute to the development of a specific procedure for studies that use written sources and that require serializations. Therefore, in addition to Jérôme Baschet, the concept of journalistic chronicle will be briefly discussed and the methodology will be applied to a selection of chronicles signed by Roque Callage in the newspaper Diário de Notícias, from Porto Alegre, between 1925 and 1930.

Keywords: Jérôme Baschet. Chronicles. Roque Callage

INTRODUÇÃO

Quando se inicia uma pesquisa com o uso de publicações em jornais e periódicos, normalmente surge uma grande dificuldade: de que modo seria possível utilizar uma metodologia que propicie a criação qualitativa de

¹ Bacharel em Jornalismo e em História. Mestre em História das Sociedades Ibéricas e Americanas; doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação da PUCRS. Desenvolve pesquisas sobre história da literatura, história e memória, história cultural, história do Rio Grande do Sul e história do Brasil.

séries de um grande *corpus* documental? Apenas a análise individual de cada documento, apesar de necessária, não apresenta a garantia plena para o desenvolvimento de pesquisas e trabalhos. É imperativa a criação de métodos – e todo pesquisador deve sentir-se confortável para tal empreendimento – que sejam adequados e possibilitem a abrangência do material estudado e analisado. Não são poucos os pesquisadores que encontram dificuldades na busca de uma metodologia que contemple suas necessidades utilizando jornais, revistas e periódicos em geral como fontes, conforme explica Tânia de Luca (2008). Como a utilização de periódicos em trabalhos e pesquisas ajuda a compreender a produção intelectual de determinada sociedade, e parafraseando Jean-Claude Schmitt (2007), “sua especificidade e sua relação dinâmica com a sociedade que a produziu”, tentar-se-á discutir neste artigo uma forma de criação de catálogos e séries que preencham as necessidades recorrentes da tarefa de trabalhar com o gênero jornalístico conhecido como “crônica”. A pesquisa com séries de crônicas publicadas em impressos reivindica a precisão que apenas um método de trabalho, seriação e catalogação pode oferecer, e novamente citando Tânia de Luca (2008), tal artifício deve ser criado pelo pesquisador conforme seu objeto de pesquisa.

Um dos melhores registros sobre a sociabilidade de Porto Alegre nas primeiras décadas do século XX, foi, sem dúvida, a grande quantidade de crônicas publicadas diariamente nos periódicos da capital, e destaca-se, entre eles a coluna “A Cidade”, no jornal Diário de Notícias. Os instrumentos que permitem a criação de séries com estas crônicas, entretanto, ou não existem, ou são insuficientes: a tarefa do pesquisador, debruçando-se sobre o material impresso, apresenta dificuldades de todos os tamanhos. Propõe-se então, com este artigo, aplicar a teoria de seriação utilizada em fontes imagéticas, adaptada para o uso de materiais escritos e veiculados em jornais.

Para tanto, será adaptada a metodologia que Jérôme Baschet (1996) apresenta para a seriação de imagens medievais e as três principais “formas” de séries propostas pelo autor: a rede de imagens constituídas por obras; o *corpus* construído pelo pesquisador; e o “hipertema”, uma “rede das redes” de múltiplos temas ou motivos. As ferramentas utilizadas para a tentativa de adaptação de documentos escritos à metodologia de Baschet serão, especificamente, a compreensão e aplicação dos conceitos de “temas” e “motivos” no corpo do texto das crônicas escritas por Roque Callage² na coluna “A Cidade”, publicada entre 1925 e 1930. Inicialmente será apre-

2 Roque Callage (1886-1931): jornalista, escritor e cronista gaúcho. Roque Callage também foi um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul em 1920, sendo responsável pelo setor de Folclore da instituição.

sentada uma breve delimitação do gênero “crônica”, suas especificidades e diferenças para com outros gêneros jornalísticos. Após esta enunciação, serão discorridas as dificuldades que o pesquisador encontra ao analisar e trabalhar com a criação de séries por meio de documentos originários de jornais, revistas e periódicos, e as possibilidades de aproximação entre a metodologia de Baschet e a tarefa de seriar crônicas. Por fim, será aplicada a metodologia proposta e especificada em um pequeno *corpus* de crônicas.

1 A crônica como representação literária do dia-a-dia

As particularidades que definem as diferenças entre uma crônica e um conto, apesar de inúmeras, são de difícil delimitação. Um ponto fundamental, entretanto, é o conceito de “narrativa que registra o circunstancial”, enunciado por Jorge de Sá, no livro *A crônica* (2005). O autor parte do exemplo da carta de Pero Vaz de Caminha ao rei D. Manuel³, onde é assinado o exato momento no qual o embrião da estrutura da crônica, como gênero literário, nasce no Brasil. Este texto de Caminha é posto, assim, como um indelével espécime da excelência do cronista, pois recria com engenho e arte, tudo o que se registra no contato direto entre as duas culturas, a europeia e a americana, e fiel às circunstâncias, emaranha todos os elementos disponíveis – o contato entre o europeu e o “selvagem”, seus costumes, as características da flora e fauna, etc. – para que seu texto transforme, ao final, a pluralidade de retalhos em uma unidade significativa (DE SÁ, 2005).

Crônica e conto encontram-se próximos apenas na delimitação da brevidade de sua narrativa. Diferentemente de um conto, cuja densidade específica centra-se na exemplaridade de um instante da condição humana, sem realizar juízo de valores morais, a crônica é o resultado de uma equação onde o jornalismo se soma à literatura e marca o registro circunstancial realizado por um “narrador-repórter” que relata um fato para um público específico. A crônica, assim, passa por um processo de limitação, onde a ideologia do veículo de imprensa corresponde ao interesse de seus consumidores, que por sua vez são direcionados pelos proprietários do periódico⁴. O limite espacial da crônica, dentro de uma página de jornal, é apresentado como mais uma diferença em relação ao conto, já que a economia de espaço, usualmente delimitado pela presença de reportagens e publicidade, lhe oferece a oportunidade de florescer sua riqueza estrutural (ibid.).

3 Datada de 01º de maio de 1500, a íntegra da carta foi “redescoberta” em 1773 e desde então reproduzida em diversas publicações. Neste artigo foi utilizada a edição de 1981, publicada pela editora Record.

4 Recomenda-se, para esta situação, os preceitos de “Indústria Cultural”, criados por Theodor Adorno e Max Horkheimer (2002).

A crônica, embora não apresente a densidade de um conto, caracteriza-se pela liberdade de seu autor, que pode transmitir a aparência de despreocupação e aparente superficialidade no desenvolvimento de seu texto. Esta formatação muitas vezes flerta com a de uma reportagem, mas diferentemente desta última, o cronista dá a impressão que se mantém na superfície de seus próprios comentários, evitando dar corpo a um personagem ficcional que possa se passar por narrador. O autor, assim, torna-se o próprio narrador de sua crônica e tudo o que escreve tem a aparência de realmente ter ocorrido, como se os leitores estivessem à frente de uma reportagem (ibidem.).

A aparência de simplicidade deste gênero não significa que não haja a possibilidade de rebuscamentos e floreios em sua elaboração, mas decorre do fato que a crônica herda do jornal diário a precariedade e a efemeridade do que nasce no começo de uma leitura e termina antes de acabar a própria página, no instante em que o leitor encerra sua relação diária com o jornal. A crônica, assim como o jornal, nasce, vive e morre em um período de 24 horas (ibidem.). Quando se procura o significado do termo “crônica”, o dicionário Houaiss nos apresenta o seguinte verbete:

(...) compilação de fatos históricos apresentados segundo a ordem de sucessão no tempo, um texto literário breve, em geral narrativo, de trama quase sempre pouco definida e motivos, na maior parte, extraídos do cotidiano imediato, uma prosa ficcional, relato com personagens e circunstâncias alentadas, evoluindo com o tempo (...). Atualmente abrange um noticiário social e mundano. Originalmente a crônica limitava-se a relatos verídicos e nobres; entretanto, grandes escritores a partir do século XIX passam a cultivá-la, refletindo, com argúcia e oportunismo, a vida social, a política, os costumes, o cotidiano etc., do seu tempo em livros, jornais e folhetins (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, p. 877).

Este gênero se caracteriza por representar um relato de acontecimentos sociais, políticos ou culturais, onde o autor se coloca no papel de personagem (narrador) em um determinado espaço temporal, composto por um número reduzido de personagens e muitas vezes carregado de humor, onde a pressa de escrever se junta a um dialogismo equilibrado entre o coloquial e o literário. O coloquialismo, quando deixa de ser a transcrição exata de uma frase para transforma-se em um diálogo, apresenta-se como a mais clara característica da crônica. Outro ponto marcante da crônica é a opinião explícita pelo escritor, onde também se destaca o cunho jornalístico (FERRO; FERRO, 2013).

2 Percalços e aplicação da metodologia serial de Baschet

Nos últimos decênios do século XX, o debate sobre uso de jornais, revistas e periódicos como fontes de pesquisa pelos historiadores tem conquistado gradativamente mais espaço e relevância. Antes excluída da historiografia por ser considerada representante de ideologias e interesses políticos, a análise de periódicos aos poucos ganha terreno e novas perspectivas, conforme explica Tania Regina de Luca, no capítulo “História dos, nos e por meio dos periódicos”, apresenta no livro *Fontes Históricas*, organizado por Carla Pinsky (2008). Com a ampliação do espectro de pesquisa do historiador, assim como o surgimento de novos temas e a alteração da concepção de “documento histórico”, passou-se a privilegiar outras fontes, dentre as quais se destacam os meios de comunicação. Como representam a sociedade da qual fazem parte, os periódicos tornam-se fontes fundamentais para os estudos dos mais diversos temas, como os processos de imigração, as reformas urbanas de infraestrutura e saneamento das cidades, o trabalho industrial, as atividades políticas, culturais e econômicas, etc. Tais temas, hoje, só obtiveram grande visibilidade graças à sua permanência nas páginas dos jornais.

Esse alargamento do campo de pesquisa ocorre devido à capacidade dos impressos de reunir em suas páginas diversos espaços, editoriais e colunas variadas de representação social⁵. A imprensa propicia não apenas a ampliação das fontes do historiador, mas principalmente a possibilidade de verificar e conhecer as transformações das práticas culturais, os comportamentos sociais de uma referida época, as manifestações ideológicas de certos grupos, a representação de determinadas classes sociais⁶, etc. (DE LUCA, 2008). A dimensão representativa da imprensa, ou seja, sua legitimação em representar o dia-a-dia da sociedade, assim como de reconstruir os fenômenos culturais e os estereótipos sociais, fazem dos jornais um catalisador e receptáculo de memórias.

A discussão em torno das publicações na imprensa, sobre a delimitação entre veracidade e interpretação, neutralidade e imparcialidade, também é apresentada por de Luca (2008). Segundo a autora, o historiador dispõe de ferramentas provenientes da análise do discurso que problematizam a identificação imediata e linear entre a narração do acontecimen-

5 Para compreensão do conceito de “representação social”, consultar Bourdieu (1994), Chartier (2002) e Durkheim (2000).

6 Segundo Bourdieu (1996), é possível compreender as “classes sociais” como um elemento móvel, em constante atrito, onde seus atores sociais disputam os espaços nos campos sociais. A construção da “classe” ocorre em função de uma articulação interdependente de uma série de fatores constitutivos, com pesos diferentes, em momentos e espaços sociais distintos.

to e o próprio acontecimento. Quem se debruça na pesquisa dos jornais e revistas, trabalha com o que se tornou notícia, elencando uma série de questões, onde será preciso discutir as motivações que levaram à decisão de dar, ou não, publicidade a um determinado material. Entretanto, o fato de ser “publicado” implica a necessidade de avaliar o destaque conferido ao acontecimento, assim como para o local em que se deu a publicação. A ênfase em certos temas, a linguagem e a natureza do conteúdo tampouco se dissociam do público que o jornal ou revista pretende atingir (ibidem.).

Esta enorme variedade de fatores que interagem na composição e publicidade de uma reportagem, coluna, crônica e outros espaços dentro dos periódicos, confere um novo problema para a elaboração de pesquisas: a necessidade de seleção e posterior seriação do *corpus* documental. A dificuldade em utilizar um único método para a pesquisa com periódicos, assim como para a criação de séries de documentos, é apresentada não apenas por Tânia de Luca, mas o sentimento é compartilhado por Marialva Barbosa (2007), e Maurice Mouillaud e Sérgio Dayrell Porto (2002). Como de Luca elucida (2008):

A variedade da fonte imprensa é enorme e as suas possibilidades de pesquisa são amplas e variadas. Assim, não é viável sugerir um procedimento metodológico ou mesmo técnicas de pesquisa que deem conta de tantas possibilidades.

Na tentativa de apontar uma possibilidade de criação de séries documentais em periódicos, propõe-se utilizar a metodologia desenvolvida por Jérôme Baschet e aplicada em sua obra *L'iconographie médiévale* (2008), como suporte teórico. Entretanto, algumas transposições devem ser realizadas, já que o autor faz o uso de imagens em sua pesquisa e este artigo pretende compreender um meio de erigir um *corpus* documental através da criação de séries de crônicas publicadas em jornais. Baschet oferece um método de trabalho no qual são utilizados três conjuntos de séries imagéticas, criando, inicialmente, uma “rede de imagens constituída por um grande número de obras”; o segundo passo da criação das séries é constituído pelo *corpus* construído pelo próprio pesquisador; e por fim cria-se uma forma de seriação na qual impera o conceito de “hipertema”, a rede na qual são acesados os “temas” e “motivos”. (BASCHET, 2008). Procura-se aqui lidar com a predominância deste último tipo de série, mas sem negligenciar os dois primeiros. Não há a intenção de realizar um exercício demasiado longo de compreensão e assimilação de conceitos, mas sim utilizar os três formatos propostos pelo autor e adaptá-los, na medida do possível, para a elaboração de séries distintas de crônicas.

Tendo o objeto literário definido, neste caso o documento delimitado como “crônica”, é preciso determinar algumas necessidades quanto à abordagem metodológica de seriação. Quando se especifica o tipo de “serialidade” que deve conduzir o estudo, o *corpus* de redes formado por um conjunto de temas iconográficos, designados como “objetos hipertemáticos”, forma agrupamentos de documentos constituidores de unidades de organização temática, onde a junção de vários temas de unidades estruturais cria a necessidade de utilização de hipertemas. Estas distinções entre os temas dos documentos não devem ser aplicadas de modo engessado e estático, mesmo porque as análises podem envolver vários níveis de temas que criariam, quando combinados, diversos hipertemas (BASCHET, 1996).

A metodologia de seriação desenvolvida a partir de estudos de imagens medievais foi apresentado por Jérôme Baschet no artigo *Inventivité et sérialité des images médiévales. Pour une approche iconographique élargie*, publicado em 1996 na revista *Annales: Histoire, Science Sociales*. O autor utiliza, neste artigo, o conceito de “imagem-objeto”, onde a adição de palavra “objeto” define na imagem medieval uma característica marcante: sua funcionalidade. A iconografia medieval não se restringiu simplesmente a imagens ou desenhos, mas desempenhou uma função relacional com o seu suporte, seja ele um livro, uma parede, um vitral ou um pedaço de madeira. A relação entre as artes visuais e a realidade histórica está longe ser simples e definitiva, portanto, o desenvolvimento de algumas questões é necessário para buscar compreender a interação frutífera entre história social, política e econômica, com a história cultural. A necessidade de reconhecer a especificidade de determinadas abordagens na relação entre história e imagens, admite, apesar de complexo, o envolvimento entre produções visuais e a realidade social com a qual eles estão vinculados. Com a produção literária este caminho é muito similar. Os documentos devem levar o historiador a uma análise em perspectiva, onde o profissional, consciente das ligações e elos entre a sociedade e os vestígios documentais produzidos por ela, necessita de instrumentos e ferramentas adaptáveis para seu trabalho de pesquisa (ibidem.).

Antes de postular sobre as possibilidades de trabalho em periódicos através da utilização da metodologia de Baschet, é necessário discorrer algumas linhas sobre dois conceitos pontuais: “tema” e “motivo”. Partindo da compreensão que uma série nunca será homogênea, pois sempre haverá documentos – no caso do trabalho de Baschet, imagens, pinturas, afrescos, quadros, etc. – com elementos que apresentarão diferenças entre si, a delimitação de temas e motivos se torna necessária para a precisa identificação das singularidades entre os materiais pesquisados. Compreende-se “tema” como a discriminação de um documento, a temática na qual o *cor-*

pus pesquisado estará reunido; enquanto o “motivo” é formado por diversos elementos que constituem um tema maior. Toma-se como exemplo para elucidar o significado de um tema, algumas pinturas renascentistas e da Baixa Idade Média: é possível criar uma série de obras cujo tema seja “Madona e o menino”, onde podemos reunir pinturas como *A adoração dos magos* (1504) de Albrecht Dürer⁷, *A virgem com o menino* (1295) de Giotto⁸, *Madonna Willys* (1490) de Bellini⁹, e *Madona e a criança* (1433) de Fra Angelico¹⁰. Já os motivos são os detalhes, os elementos constituintes do documento que formam um tema mais amplo. Mantendo o exemplo de “Madona e o menino”, os motivos seriam as auréolas sobre as cabeças, as vestimentas de cor azul, presentes nas imagens de Maria utilizadas na seriação, a posição das mãos, a imagem etérea com a qual as madonas são representadas, enfim, os elementos que possam identificar o tema da imagem. Nota-se que a noção de “perspectiva”¹¹, comum às imagens criadas no período renascentista, mas raras às da Idade Média, não é utilizada como “motivo” no exemplo da série proposta por “Madona e a criança” (SCHMITT, 2007). Isto demonstra como períodos temporais distintos, onde técnicas e compreensões algumas vezes díspares de elaboração de documentos, podem e devem ser utilizados na criação de séries documentais.

Identificadas as diferenças entre os conceitos de tema e motivo em um *corpus* de imagens, é necessário adaptá-los para sua utilização em documentos literários. Como o corpo documental proposto para a análise é composto por crônicas, e sua característica principal é registrar o circunstancial (DE SÁ, 2005), nove grandes temas podem ser apresentados: Política; Economia; Cotidiano; Artístico e Cultural; Modernidade e Urbanização; Metalinguagem; Relação entre Campo e Cidade; Esportes; e Indivíduos Excluídos. O fato de uma crônica se enquadrar em mais de um tema não exclui e tampouco inviabiliza sua utilização, apenas denota a dificuldade em utilizar um “método pronto” para a pesquisa. A discussão de delimitação dos temas, em alguns casos, se mostra óbvia. Temas como Política, Esportes e Economia tratarão, necessariamente, de crônicas cujo conteúdo abarque assuntos relacionados à economia, esportes e política, seja em âm-

7 Imagem 01.

8 Imagem 02.

9 Imagem 03.

10 Imagem 08.

11 “Perspectiva”, neste caso, refere-se à profundidade, ou ao “plano” que o “motivo” toma em relação aos outros componentes dos quadros. Nas imagens renascentistas é possível perceber que os artistas utilizam diversos planos, colocando o “motivo” no primeiro e os demais elementos restam em “perspectiva”, o que contribui para o efeito de movimento que a imagem pode oferecer.

bito local, regional ou nacional. Um pouco mais de cuidado deve-se ter com os outros seis temas.

Quando um documento tratar de um tema como o Cotidiano, por exemplo, onde a cidade e sua sociabilização se tornam o cerne do documento, é necessário ficar atento ao fato de que possa haver um entrecruzamento de temas. O mesmo ocorre com os temas Artístico e Cultural (contribuições artísticas e culturais, como resenhas de livros, exposições, cinema, música etc.), Modernidade e Urbanização (aqui estão delimitadas as modificações urbanísticas e os avanços em prol da modernidade), Metalinguagem (este tema versa sobre a própria crônica, quando o assunto tratado no documento é o diálogo do escritor com o seu próprio espaço no jornal), Relação entre Campo e Cidade (relações entre diversos temas abordados através da dicotomia campo/cidade, ou mesmo rural/urbano) e Indivíduos Excluídos (onde se encontram os personagens à margem da sociedade, os “subterrâneos¹²”). José de Souza Martins, em *Exclusão social e a nova desigualdade* (2015), indica a existência de um falso problema de exclusão social, com contradições e vítimas de processos sociais e econômicos. Estes Indivíduos Excluídos não estão à margem dos sistemas de poder e de sociabilização, mas constituem parcela importantes destes.

Talvez a maior dificuldade para o pesquisador repouse na delimitação dos motivos utilizados para criar o tema, já que os campos imagético e literário, apesar de ambos utilizarem símbolos e em várias ocasiões valem-se um do outro, são de naturezas próprias. Jean-Claude Schmitt, em *O corpo das imagens: ensaios sobre a cultura visual na Idade Média* (2007), associa o uso da narrativa para a legitimação de imagens, e embora o espaço temporal que o autor analisa e para o qual esteja se referindo seja distinto daquele proposto por este artigo, suas considerações não apenas permanecem válidas como também pertinentes. Parte-se da concepção inicial e objetiva que o conceito de motivos, quando aplicado em documentos literários, se constituiria de conjuntos de palavras, onde, conforme a necessidade do pesquisador, podem ser excludentes ou não excludentes, ou mesmo complementares. Subjetivamente, a delimitação de motivos deve passar por uma análise semântica onde serão valorados não apenas o conjunto de palavras, mas seu sentido e a interpretação de sentenças. Talvez um exercício possa exemplificar esta complicada prática com maior facilidade. Ao analisar apenas os títulos de três crônicas de Roque Callage, “Crítica sobre hábitos

12 Jack Kerouac, em “Os Subterrâneos” (2006), também apresenta uma categorização interessante para os personagens de sua obra: os “subterrâneos” são os excluídos, aqueles que vivem à margem da sociedade e que procuram se esconder.

do teatro em Porto Alegre¹³”, “Direitos dos animais que são maltratados¹⁴” e “Consumo de tóxicos em Porto Alegre¹⁵”, pode-se delimitar, inicialmente a primeira crônica, no tema Artístico e Cultural, se aplicarmos a delimitação do motivo “teatro” ao tema, e as duas seguintes em Cotidiano, quando utilizadas as palavras, “direitos” e “consumo” como motivos. Se utilizássemos “Porto Alegre” como motivo para o tema Cotidiano, por exemplo, haveria a tendência de a primeira crônica ser classificada no tema Cotidiano, além do tema Artístico e Cultural. Temos, então, dois títulos de crônicas que, quando analisados através dos motivos “teatro”, “direitos” e “consumo”, estão designados em temas distintos; mas quando se pensa no motivo “Porto Alegre”, inserem-se em um único tema. No momento em que a discussão ocorre através da semântica, da análise textual, e é considerada toda a extensão dos títulos, o resultado é idêntico ao da primeira comparação: um documento inserido no tema Artístico e Cultural e dois em Cotidiano.

3 Aplicação da metodologia de seriação

Ao concluir a explanação sobre o tema e o motivo, e principalmente a dificuldade em trabalhar com este último elemento, é necessário aplicar a metodologia já apresentada. Para tanto, propõe-se a análise não apenas de títulos, mas do conteúdo de crônicas escritas por Roque Callage, já que este trabalho tem por objetivo desenvolver uma maneira de criar séries com os documentos produzidos por este escritor na coluna “A Cidade” para o jornal Diário de Notícias, entre os anos de 1925 e 1931. Serão analisadas cinco crônicas, publicadas nas sextas-feiras durante o período do mês de julho de 1927, onde serão utilizados os nove temas já elencados no capítulo anterior e aplicados motivos para a delimitação das publicações dentro destes temas. Os motivos utilizados, objetivamente, serão “Porto Alegre”, “teatro”, e “livro”, quando se propõe o tema Artístico e Cultural; “praça”, “reunião”, “bairros”, “leitor” e/ou “leitora”, “carta” e/ou “cartão” e “cidade”, quando o tema for Cotidiano; e “automóveis”, quando o tema tratado for modernidade e Urbanização. Subjetivamente, também será realizada a análise diacrônica – análise linguística dos termos utilizados – e sincrônica – simultaneidade dos termos – da significação do corpo do texto.

Em “Crítica sobre hábitos do teatro em Porto Alegre”, publicada em 01/07/1927, encontra-se os motivos “Porto Alegre” e “teatro”, quando é analisado objetivamente não apenas no título, mas o documento. Apesar de não

13 Diário de Notícias, 01 jul. 1927.

14 Diário de Notícias, 03 jul. 1927.

15 Diário de Notícias, 07 jul. 1927.

ser o suficiente para rotulá-lo unicamente no tema Artístico e Cultural, um trecho expõe subjetivamente, através de análise textual, esta possibilidade:

Nunca Porto Alegre teve tão feliz oportunidade para assistir, para gozar verdadeiras noites de arte como as que vem proporcionando para meia dúzia de pessoas a Companhia Vera Sergine. Entretanto é o que você está vendo: - o teatro quase que às moscas! Não me admira de mais nada. O que acontece com Vera Sergine é o mesmo que aconteceu com Salvani, com Clara Della Guardia, com Mimi Aguglia e com todas as grandes figuras da cena, que nos tem visitado. Simplesmente uma vergonha, meu amigo!... (CALLAGE, 01/07/1927).

É de maneira clara que podemos incluir esta crônica no tema Artístico e Cultural quando o jornalista escreve sobre a oportunidade de Porto Alegre “assistir” e “gozar” de noites com apresentações teatrais. A análise semântica e textual, quando analisada em conjunto com os motivos “Porto Alegre” e “teatro”, corrobora com a análise preliminar do título.

No dia 08 de julho de 1927, na crônica “Reunião de escritores e intelectuais”, encontram-se os motivos “Porto Alegre”, “reunião” e “livros”, o que, em conjunto, classifica este documento como tema Artístico e Cultural, a exemplo da análise anterior. A presença de “escritores” e “intelectuais”, tanto no título quanto no corpo do texto, apesar de não serem utilizados como motivos para esta seriação devido à sua especificidade, quando submetidos à análise subjetiva, assim como o motivo “reunião”, tomado em empréstimo do tema Cotidiano, legitimam a inclusão do texto no tema:

Reuniram-se, há dias, em torno de uma modesta mas simpática mesa de um dos nossos restaurantes, os intelectuais desta capital com o propósito de prestar uma homenagem aos autores dos livros ultimamente aqui publicados. Essa homenagem, como era de ver, resumiu-se num jantar de expressiva cordialidade e que não faltaram as boas iguarias sensibilizadoras do apetite gastronômico, bem como o fino encanto da palestra dos deuses, animada de vez pela espiritualidade generosa de um legítimo Caxias reconfortante. Ariel e Epicuro entrelaçaram-se, assim afetuosamente, numa confraternidade digna dos mais altos louvores (CALLAGE, 08 jul. 1927).

Na crônica “Falta de água em vários bairros”, publicada em 15/07/1927, é possível encontrar os motivos “Porto Alegre”, “bairros”, “car-

tão”, “cidade” e “leitora”. Seu conjunto, assim como o título e o conteúdo do documento, possibilita classificá-la como pertencente ao tema Cotidiano. Apesar do motivo “Porto Alegre” estar presente, e este já ter sido utilizado para delimitar as duas primeiras crônicas no tema Artístico e Cultural, nesta situação também válida a delimitação da crônica no tema Cotidiano. A análise subjetiva do conteúdo do documento, onde o autor revela o conteúdo de uma carta enviada por uma leitora, confirma a prévia avaliação objetiva através dos motivos:

A nossa água – a maravilhosa linfa guaibense, nestes últimos dias deu para faltar em vários pontos da cidade. Ainda ontem, fazendo coro às reclamações que temos recebido nos chegou às mãos o seguinte cartão:

“Sr. cronista da ‘Cidade’. Saudações.

Peço-vos o obséquio de reclamar pela sua seção ‘A Cidade’, contra a falta d’água que nos flagela, principalmente nesta época de gripes. Ainda anteontem tendo chegado em minha casa o médico para ver os meus doentes, não me foi possível oferecer-lhe água para lavar as mãos, isso porque as torneiras dos encanamentos não pingavam uma só gota. Calcule, sr. cronista, o dissabor para uma dona de casa. Como ter assim higiene com os doentes? Pela publicação dessas linhas muito grata ficará a constante leitora – C. P.” (CALLAGE, 15 jul. 1927),

O tema Cotidiano reaparece na crônica de 22/07/1927, intitulada “Carta do leitor sobre desordem no Alto da Bronze”, onde os motivos “carta”, leitor” e “praça” são elencados. Assim como o documento anterior, o cronista publica a íntegra da correspondência recebida de um leitor, e por seu conteúdo se tratar da sociabilização em um espaço público de Porto Alegre, tanto as análises objetiva e subjetiva tornam correto o tema Cotidiano aplicado a este texto:

Com maior interesse abrimos espaço hoje, nesta coluna, para a seguinte carta que acaba de nos ser dirigida e cuja publicação, nos é solicitada:

“Porto Alegre, 20 de julho de 1927.

Sr. Cronista de ‘A Cidade’. – Leitor assíduo do conceituado ‘Diário de Notícias’ e sincero apreciador de vossa crônica em benefício da nossa progressiva capital, venho vos chamar a atenção para certos fatos locais que naturalmente vos passam despercebidos. Existem, nesta capital, como se sabe, algumas destinadas ao cultivo de vários desportos. A

praça nº 1 (Alto da Bronze) é onde se verificam certos fatos dignos de comentários...” (CALLAGE, 22 jul. 1927).

Por fim, a última das cinco crônicas, “Desaparecimento de carros de praça”, publicada em 29/07/1927, com os motivos “praça”, “automóvel” e “cidade”, pode ser classificada no tema Modernidade e Urbanização. A análise subjetiva do documento, onde o autor elucida a transição dos carros de tração animal para os movidos a combustível, carrega um forte indício da mudança tecnológica pela qual passava a urbe, o que valida sua delimitação temática:

Há dezoito ou vinte anos, se tanto, o carro de tração animal era o único veículo para o transporte de passageiros. Daquela época para cá, à maneira que os automóveis começaram a surgir, matando gente como quem mata cachorro, os carros começaram a diminuir de tal modo que, segundo nos informam, na última semana desapareceu o último carro de praça que ainda se aventurava a passear por aí o seu “passadismo” impenitente, procurando, num derradeiro esforço, fazer concorrência ao auto vertiginoso. Foram-se assim os coches de luxo, as “vitórias”, os “landaus”, que eram o brilho das carruagens elegantes de outros tempos. E com eles desapareceram também as finas parelhas de puxadores, que costumavam mostrar a sua elegância e o seu garbo nas ruas acidentadas da nossa capital (CALLAGE, 29 jul. 1927).

As cinco crônicas analisadas apresentam três temas distintos: dois documentos enquadram-se no tema Artístico e Cultural; outros dois no tema Cotidiano, e um no tema Modernidade e Urbanização. A análise objetiva, diretamente com os motivos já elencados, propõe alguns apontamentos: inicialmente, a análise apenas através dos motivos, sem a compreensão semântica do corpo do texto, apesar de ser extremamente útil, pode levar o pesquisador a incorrer em algumas precipitações. Tem-se como exemplo o motivo “reunião”, onde seria utilizado para o tema Cotidiano, mas mostrou-se mais apto, no caso da segunda crônica, ao tema Artístico e Cultural; e o motivo “Porto Alegre”, que assim como “reunião”, também sofreu uma mudança de valor e foi utilizado para legitimar o tema Cotidiano, no terceiro documento analisado. Um segundo ponto é a possibilidade de cruzamentos entre os temas. Apesar de este breve trabalho abarcar apenas cinco crônicas no período de um mês, a compreensão do corpo textual permite levantar algumas oportunidades de classificação de crônicas em dois temas distintos, como o caso da última, que apesar de estar incluída em Modernidade e Urbanização, também poderia transitar pelo tema Cotidiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de análise e de delimitação de motivos, quando aplicado à literatura, é extremamente laborioso e necessita de árdua atenção por parte do pesquisador. A necessidade em utilizar os motivos de modo objetivo, e submeter subjetivamente a crônica à análise semântica e textual, diminui a margem de erro da seriação e permite a criação de hipertemas entre as diferentes elaborações de séries, e apesar deste artigo utilizar um corpo documental restrito – cinco publicações em apenas um mês –, a possibilidade de trânsito das crônicas entre mais de um tema é claro e apropriado. Quando a pesquisa abrange um *corpus* documental de tamanho considerável (o trabalho de Roque Callage no Diário de Notícias é composto por aproximadamente 1500 crônicas), as possibilidades de cruzamentos entre os temas dos documentos passa a se tornar realidade.

A abordagem hipertemática evoca uma análise da crônica onde se destaca uma rede de relações produzida a partir do significado dos temas propostos pela pesquisa. Com sua lógica própria, esta rede de temas cresce de acordo com seu quadro de operações e limitações, o que em muitos casos pode superestimar sistematicamente o objeto estudado e desconsiderar uma especificidade singular de documentos apenas por estes não conseguirem ser encaixados apropriadamente em uma série. Quando o documento é submetido subjetivamente à análise textual e semântica, apoiadas na compreensão objetiva dos motivos, é possível delimitar com precisão os temas propostos pelo pesquisador, mas como toda ação humana, a possibilidade de equívocos está sempre presente.

O exercício proposto neste *corpus* de documentos, onde se procurou adaptar e aplicar a metodologia de análise iconográfica medieval de Jérôme Baschet para o campo da literatura, apesar das dificuldades e iniciais percalços, mostrou-se válido e elucidativo. O constante trabalho de adaptação e reinterpretação da metodologia de Baschet, assim como o de análise dos documentos, continuará sendo exercido, visto que este artigo apenas abordou um primeiro contato entre a criação de séries do autor e os objetos de estudo.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. A indústria cultural – o iluminismo como mistificação das massas. In: *Indústria cultural e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- BARBOSA, Marialva. *História Cultural da imprensa Brasil 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.
- BASCHET, Jérôme. Inventivité et sérialité des images médiévales. Pour une

- approche iconographique élargie. In: *Annales Histoire, Sciences Sociales*, n. 1, 1996, p. 93-133.
- _____. *L'iconographie médiévale*. Paris, Galimard, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. Esboço da teoria da prática. In: ORTIZ, Renato (Org.). *Pierre Bourdieu / Sociologia*. São Paulo: Ática, 1994.
- _____. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- CALLAGE, Roque. *Diário de Notícias*. Porto Alegre, 01 jul. 1927.
- _____. *Diário de Notícias*. Porto Alegre, 03 jul. 1927.
- _____. *Diário de Notícias*. Porto Alegre, 07 jul. 1927.
- _____. *Diário de Notícias*. Porto Alegre, 08 jul. 1927.
- _____. *Diário de Notícias*. Porto Alegre, 15 jul. 1927.
- _____. *Diário de Notícias*. Porto Alegre, 22 jul. 1927.
- _____. *Diário de Notícias*. Porto Alegre, 29 jul. 1927.
- CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a história entre as incertezas e inquietude. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2002
- _____. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 2002.
- DE LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.
- DE SÁ, Jorge. *A crônica*. São Paulo: Editora Ática, 2005.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*: o Sistema totêmico da Austrália. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- FERRO, Ana Paula Rodrigues; FERRO, Fábio. Crônica: gênero textual entre jornalismo e literatura. In: *Revista da Faculdade Eça de Queirós*, ano 3, n. 11, 2013.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manuel de Mello. *Dicionário Houaiss de língua portuguesa*. São Paulo: Editora Moderna, 2001.
- KEROUAC, Jack. *Os subterrâneos*. Porto Alegre: L&PM, 2006.
- MARTINS, José de Souza. *Exclusão social e a nova desigualdade*. São Paulo: Paulos, 2015.
- MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (Orgs.). *O Jornal: da forma ao sentido*. Brasília: EDUNB, 2002.
- SCHMITT, Jean-Claude. *O corpo das imagens*. Ensaios sobre a cultura visual na Idade Média. Bauru: Edusc, 2007.

Recebido em 28/01/2020

Aprovado em 11/06/2020

IMAGENS

Figura 1 - A adoração dos magos (1504) - Albrecht Dürer



Fonte: Wahooart.com.

Figura 2 - A virgem com o menino (1295) - Giotto



Fonte: Wahooart.com.

Figura 3 - Madonna Willys (1490) - Bellini.



Fonte: Wahooart.com.

4 - Madona e a criança (1433) - Fra Angelico



Fonte: Wahooart.com.